

---

---

## UM ESTUDO SOBRE A INTRODUÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO RUGBY NO BRASIL

### A STUDY ON THE INTRODUCTION AND INSTITUTIONALIZATION OF RUGBY IN BRAZIL

Diego Monteiro Gutierrez<sup>1</sup>, Victor Sá Ramalho Antonio<sup>1</sup>, Thiago Kater<sup>2</sup> e Marco Antonio Bettine de Almeida<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.  
<sup>2</sup>Universidade Federal de Sergipe, Aracaju-SE, Brasil.

---

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir, por meio da pesquisa documental, a introdução e institucionalização do rugby no Brasil englobando especificamente o período de 1891 a 1940. A abordagem histórica envolve a sistematização da pesquisa documental, utilizando como fontes jornais que datam entre as últimas décadas do século XIX até meados do XX e documentos da época. Com o objetivo de construir uma narrativa da modalidade e demonstrar que, apesar da restrita base de participantes e interesse apenas recente da mídia, a modalidade gozava de um grupo engajado, apesar de restrito, de participantes e praticantes no Brasil desde o início do século XX

**Palavras-chave:** Rugby, História, Sociologia, Rugby Brasileiro

---

#### ABSTRACT

This article aims to discuss, through documentary research, the introduction and institutionalization of rugby in Brazil specifically covering the period from 1891 to 1940. The historical approach involves the systematization of documentary research, using sources such as newspapers dating from the last decades the nineteenth century until the mid-twentieth and documents of the time. In order to build a mode narrative and demonstrate that despite the narrow base of participants and only recent media interest, The modality had an interested, although limited, group of participants and practitioners in Brazil since the early twentieth century .

**Keywords:** Rugby History, Sociology, Brazilian Rugby

---

### Introdução

O “rugby, isso ainda vai ser grande no Brasil”:

“[...] não cremos que o cestobol possa competir com o futebol [...] O mesmo, porém, não se dá com o rugby [...] quando surgir em São Paulo a Federação de rugby e de beisebol, com seus campeonatos regularmente disputados, estamos a profetizar, senão a decadência, pelo menos a perda de parte da popularidade do futebol associação”<sup>1</sup>

O discurso parece atual. Esporte desconhecido do público geral no Brasil, o rugby vem ganhando espaço na imprensa brasileira, sobretudo dentro da televisão por assinatura e da internet, que tornam o esporte de origem inglesa em espetáculo de consumo, ao mesmo tempo que mostra um crescimento vertiginoso no número de adeptos ativos. Em 1986 havia 19 clubes em atividade, espalhados por somente três estados (São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná), de acordo com dados da antiga Associação Brasileira de Rugby (ABR), atualmente existem pelo menos 300 agremiações, contando com 11 mil atletas federados e mais de 60 mil praticantes, segundo dados da confederação<sup>2</sup>.

A expansão recente do rugby no país aliada à reintrodução do esporte nos Jogos Olímpicos, com sua reestrea nos jogos do Rio de Janeiro em 2016, levaram à sua “descoberta” pela grande mídia, alimentando a falsa impressão de que o rugby é uma prática nova no Brasil ou exótica, de passado obscuro. A ideia de um esporte sem memória é incondizente com um passado ainda não devidamente sistematizado, de uma prática antiga no Brasil, de presença contínua em instituições de ensino e clubes poliesportivos e mesmo de exposição na mídia. Nesse sentido, o artigo tem como hipótese central demonstrar que a prática do rugby, e as ações buscando sua expansão e desenvolvimento em território nacional, são muito anteriores à sua recente descoberta pela mídia e pelo público em geral.

Propondo-se como um estudo introdutório sobre as primeiras décadas da prática da modalidade no país, o recorte temporal escolhido é de 1891 até o advento da segunda guerra. Este evento mobilizou grande parte da colônia inglesa no país, principal organizadora da modalidade, o que pode ter contribuído, pelo que até agora se percebe nas fontes, para a diminuição ou mesmo interrupção da prática do rugby, que retorna aos documentos após o fim do conflito mundial, mas em condições diferentes. Se não é possível afirmar que não houve prática do rugby durante a Segunda Guerra Mundial, há esse "silêncio" nas fontes analisadas, o que, evidentemente, não impede de que tenha ocorrido.

O número reduzido de praticantes, assim como a pouca expressividade do esporte na mídia de modo geral, fez com que o interesse acadêmico, no Brasil, pela modalidade fosse bastante pequeno. A exceção de alguns trabalhos pontuais, geralmente focando no desenvolvimento recente de uma região específica ou na questão de gênero que envolve a modalidade, não foi possível localizar nenhuma tentativa de se sistematizar a história desta modalidade. À exceção de breves abordagens acerca da modalidade, não há um trabalho sistemático acerca da introdução e difusão do rugby no Brasil, ficando restritos a análises regionais, focando principalmente a história de clubes mais recentes, no Rio Grande do Sul e no Nordeste, por exemplo, e não no desenvolvimento da modalidade como um todo.

## Métodos

As fontes básicas às quais se aterá este trabalho foram jornais e revistas da época estudada, que continham citações e reportagens acerca do *rugby*, a fim de compor um cenário melhor delineado acerca da dispersão e da natureza da prática do esporte no país. O maior volume de fontes documentais foi composto de jornais pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional<sup>3</sup>, pela qual foi possível constatar a prática do *rugby* em regiões onde parte da historiografia sobre o futebol pouco analisou<sup>4</sup> e abarcar o longo período de 1891 a 1940. Soma-se à consulta de vinte e dois títulos, nos quais foram encontradas referências ao *rugby*, entre as décadas de 1890 e 1930, a busca por todos os anos de publicação dos jornais *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, por meio de seus arquivos digitais<sup>5</sup>.

Os jornais fornecem importantes relatos acerca do *rugby*, uma vez que indicam, ainda que não com toda a precisão, os locais de prática da modalidade e a frequência com que o *rugby* realizava seus eventos. As ausências e os vazios na divulgação são, sem dúvida, significativos, indicando ou a inexistência da prática ou, no mínimo, a falta de divulgação jornalística. Para além da própria documentação, são frequentemente incluídas escalas das equipes, que revelam a nacionalidade (ou a ascendência) dos praticantes e que podem servir de plataforma para que seja identificada a origem social desses praticantes.

Na área acadêmica, principalmente nas pesquisas históricas esportivas a imprensa tem um relevante papel, já que o esporte e as análises das modalidades foram secundárias nos

estudos acadêmicos brasileiros, portanto, para a reconstrução dos aspectos cotidianos da história destas modalidades sem memória, como o *rugby*, o uso da imprensa é necessário,

“a condição de legítimo receptáculo das informações fragmentárias do dia a dia urbano fez do jornal um suporte inestimável para uma reconstituição pormenorizada dos grandes acontecimentos sociais, dentre ele os relativos ao próprio Esporte”<sup>6:15</sup>

Entretanto, como ressaltam Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato acerca da condição documental da imprensa, “nega-se, pois, aqui, aquela perspectiva que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”<sup>7</sup>, por isso é importante ter em mente que os acontecimentos discutidos neste artigo, originais de fontes jornalísticas, devem ser observados a partir da natureza dessas fontes e, portanto, podem ter sua veracidade discutida, assim como a interpretação que dão aos acontecimentos.

Nessa perspectiva, ao atribuir centralidade às fontes jornalísticas, deve-se tomar por condição central do documento o fato de que “o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas”, como pontua Tânia Regina Luca<sup>8</sup>.

Este artigo se propõe a compor um primeiro encadeamento de fatos da história do *rugby* no Brasil, contendo uma história dos eventos, todavia, sem cair em análises metódicas acerca dos objetos e sem negligenciar as dimensões da vida social das épocas tratadas. O objetivo aqui não é o de propor uma análise acerca do período ou reificar os fatos, busca-se uma discussão inicial acerca da modalidade no período estabelecendo os locais de prática, os principais sujeitos e conflitos.

## Resultados

### *O estabelecimento do rugby no Brasil: 1891-1924*

O fenômeno do esporte moderno está ligado com as transformações ocorridas na sociedade inglesa dos séculos XVII e XVIII, com a esportivização dos jogos populares que ocorriam desde a idade média<sup>9</sup>, nesse sentido a prática esportiva se tornará um elemento importante da nascente identidade burguesa na Inglaterra<sup>9</sup>. Como potência colonial o Império Britânico acabaria por difundir esses novos ideais pelo mundo influenciando profundamente as elites locais dos mais diversos lugares, que adotariam uma série de novos costumes e comportamentos, considerados mais modernos e civilizados, a prática esportiva entre eles<sup>10</sup>.

Nesse contexto se dará a dispersão do *rugby* pelo mundo, adentrando todos os continentes antes do final do século XIX<sup>11</sup>. Porém, ao contrário do futebol que conquistará uma popularidade global, o *rugby* ficará restrito, como modalidade de massas às ilhas britânicas e suas colônias, recebendo pouca atenção fora desse circuito, com três exceções importantes onde a modalidade se tornará uma das principais práticas esportivas. Argentina, que dada a influência cultural e econômica da Inglaterra no final do século XIX pode ser considerada uma colônia informal<sup>12</sup>, França onde encontrará uma ampla aceitação nas comunidades agrícolas do sul<sup>13</sup> e Japão cuja modalidade terá como patrono o príncipe Chichibu, segundo filho do Imperador Taishō, que terá contato com a modalidade na Inglaterra, sendo peça chave na sua popularização no Japão<sup>11</sup>. Fora dessas regiões o *rugby* terá muitas dificuldades em se expandir, ficando restrito principalmente à comunidade de expatriados britânicos.

Convém destacar que, apesar da pouca bibliografia em português, devido a pouca popularidade da modalidade, o *rugby* possui uma produção acadêmica de relevância no âmbito internacional, com estudos abordando a história da modalidade e suas implicações

sociais e políticas, em especial nos países onde teve um papel importante na esportivização da sociedade, como Inglaterra<sup>13</sup>, França<sup>14</sup>, Nova Zelândia<sup>15</sup>, África do Sul<sup>16</sup>, Austrália<sup>17</sup>, entre outros.

No Brasil, sua chegada se deu concomitantemente à do futebol, com relatos de prática do jogo, ou formas semelhantes, no século XIX, incluindo a citação de Paulo Várzea sobre a fundação do Clube Brasileiro de Futebol Rugby, no Rio de Janeiro, em 1891, a princípio a primeira formalização do gênero, em data anterior à da formação da equipe de futebol do São Paulo Athletic Club, por Charles Miller, em 1894. Segundo Tomás Mazzoni,

O segundo clube surgido em terra carioca foi o do Clube Brasileiro de Futebol Rugby, o primeiro a cultivar esse esporte no Brasil, fundado em 12 de setembro de 1891 pelos srs. Alfredo Amaral Fontoura, Virgílio Leite, Oscar Vieira de Castro, Edwin Ral, Sidney Cox, Augusto Amaral e Luiz Leonel Moura, este jovem brasileiro, recém-chegado da Inglaterra, onde fôra educado no ‘Elizabeth College’, da ilha de Guernsey, na qual aprendera o ‘rugby’ e o futebol ‘soccer’. Foi por sua iniciativa que se introduziu no Rio, o ‘rugby’, que logo encontrou adeptos, enquanto que o futebol ‘association’, tentado pelos rapazes do Clube Brasileiro de Cricket e reeditado por Moura, entre 92 e 93, foi depois esquecido<sup>18:19</sup>.

Acerca do próprio Miller, o indício de maior credibilidade encontrado sobre a prática do *rugby* no São Paulo Athletic Club (SPAC), organizada por ele, está contido em duas fontes distintas. A primeira é relativa a um jornal editado pela e para a colônia inglesa, mais especificamente, aquela que residia no Rio de Janeiro, o *The Rio News*, onde se noticiou a realização da primeira partida documentada do *rugby* em solo brasileiro, que data de 1898, entre o SPAC e o São Paulo Railway, inclusive com a participação de Charles Miller: “Rugby Football. S. Paulo Athletic Club v. S. Paulo Railway. These clubs met for a friendly game played at Chácara Dulley on July 24<sup>th</sup>”<sup>19</sup>

Outra é a carta de Hans Nobling, fundador do Sport Club Germânia, que relata a realização de um jogo anual de rugby pelo clube dos ingleses.

Unicamente na colônia inglesa paulistana jogava-se a cada ano, pelo que pude apurar, duas partidas de futebol, entre quadros do São Paulo [Athletic] Club, e se não me engano, do São Paulo Railway Cricket Club, sendo uma partida de futebol association e outro de futebol rugby. Lembro-me que junto de uns poucos membros da colônia inglesa assisti um desses jogos, o de rugby, que se realizou, se não me engano, em Setembro de 1897, num campo do Bom Retiro, que era provavelmente do SPRCC<sup>20:38</sup>

Há ainda, nesse mesmo ano, uma partida do Rio Cricket Club contra uma equipe estadunidense. Novos registros se seguem, com partidas relatadas entre equipes brasileiras, que na verdade eram basicamente formadas por ingleses expatriados e descendentes, com equipes de navios e um jogo interestadual entre Rio de Janeiro e São Paulo em 1911, documentado pelo Jornal do Brasil<sup>21</sup>.

Tentamos, nesta pesquisa, alargar a área geográfica a ser investigada, a fim de evitar generalizações nacionalizantes, conscientes da presença de um centralismo do eixo Rio-São Paulo, pelo qual fenômenos locais a ele podem vir a ser considerados, pela historiografia, como ilustrativos de todos os brasileiros. Novamente, conscientes de que a pesquisa está limitada a informações contidas em jornais da época, faz-se necessário ainda que ela se desdobre, posteriormente, em uma análise crítica das fontes.

Pelo menos Porto Alegre, Recife, Belém e regiões do interior do estado de São Paulo (além de São Paulo e Rio de Janeiro, já citadas) também haviam presenciado a prática do *rugby*. Cada qual com seu contexto específico, mas todas, de algum modo, tomadas a partir

do fim do século XIX e o início do XX pelo processo de urbanização, industrialização e modernização que atingiu de formas diversas as cidades brasileiras<sup>22</sup>. Vale destacar que nessas cidades a modalidade foi praticada de maneira isolada, sem nenhum indício que a prática tenha se institucionalizado ou continuado, sendo divulgada apenas ocasionalmente nos jornais analisados.

Como nos casos de Belém

O football “rugby” foi solenemente introduzido na Amazônia. Devem ficar de cara à banda os inimigos do football com esta noticia alarmante: a suposta inclemência do nosso clima, a que elles se apegavam para de balde aliás, condemnar o jogo da “association”, vencida para este sport, por isso que entre nós elle ganha sempre maior entusiasmo, acaba de ser rechussada para o chamado footall “rugby”, também temerosamente conhecido como o “football do mata”. Na quinzena passada, na capital visinha, e portanto dentro da Amazonia, foi jogado, com grande successo, um formidável encontro desse mais violento dos sports conhecidos – o “rugby”. Os jornais paraenses dizem que foi um ruidoso acontecimento o encontro. Não se julgue, porém, que nelle se empenharam um troço de imbecis contra uma turba dos inconscientes, não! Esse “match” memorial de introdução do “rugby” teve a honra de ser jogado pela “elite” dos “sportmans” paraense, alguns até há muito afastados do sport, bacharéis, médicos, engenheiros, membros do alto commercio, como sejam, entre outros, os seguintes senhores [...] A notícia não diz, porém, após os “matches” talvez tenham havido profusa distribuição de sorvetes e refrescos<sup>23:3</sup>.

E Recife, onde encontramos duas referências.

Realisa-se no dia 23 do corrente, às 4:30 horas da tarde, no Derby, o primeiro match de foot-ball rugby, entre o XV do Sport Clube Recife e o team inglez organizado pelo sr. N. Oliver. Nota-se grande entusiasmo para esse match que promete ser muito disputado [...] A diretoria do Sport Clube, que não tem poupado esforços para o bom êxito d’este match, pede-nos para declarar que haverá lugares reservados para as famílias<sup>24:1</sup>

Teve logar hontem no Derby o primeiro match de rugby entre o Sport Club e o team do sr. Oliver. Apesar de não fazer bom tempo, perante numerosa assistencia de distinctas senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade, às 4:30 da tarde principiou o jogo que até o fim conservou-se no campo do Sport, devido à inferioridade e principalmente da falta de exercicio d’estes jogadores. Enquanto o team inglez com os seus bons fowards e excellentes  $\frac{3}{4}$  faziam esplendidos passes e combinações, o Sport limitava-se a defender o seu goal, sendo no entanto impotente para conter o rush dos fowards e  $\frac{3}{4}$  inglezes que no final da partida tinham 13 pontos contra 6 do Sport. Oliver, Paterson e Pickwood são três jogadores que conhecem perfeitamente os segredos do Rugby, sendo sempre bem ajudados pelos seus fowards conduzidos por Newton. Pelo Sport Club distinguiram-se R. H. Bradford, Callande e Hughman nada podendo fazer, porem, devido à falta de auxilio. A escolha do referre não nos pareceu das mais acertadas, pois este logo no primeiro try confirmou-o apesar de ter dado um off-side contra os inglezes. A derrota do Sport por absoluta falta dos jogadores é sanavel e para isto basta mais pratica. Sabemos já ter sido combinado um outro match a realizar-se assim que o team do Sport tenha mais um exercicio<sup>25:2</sup>

A modernização das cidades brasileiras no final do século XIX e a adoção dos novos ideais burgueses pelas elites urbanas, em contraponto com as práticas atreladas às velhas elites rurais<sup>12</sup> contribuiriam para a difusão das mais diversas práticas esportivas, porém o *rugby* não encontraria condições de se fixar, sendo praticado apenas de maneira esporádica e com caráter festivo, segundo os relatos encontrados.

Somente em São Paulo e Rio de Janeiro a modalidade seria capaz de se enraizar, devido principalmente a maior comunidade Inglesa, presentes nessas que eram as maiores e mais internacionalizadas cidades do Brasil.

#### *As primeiras tentativas de institucionalização: 1924-1940*

O rugby seria praticado apenas de maneira esporádica, sem organização ou o intuito de consolidar a prática, até o início dos anos 20. A partir desse momento é que a modalidade começará a se enraizar definitivamente, com a criação dos primeiros clubes dedicados a ela. Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo esse será um momento decisivo, pois através da prática dos clubes a modalidade terá força para se expandir além da comunidade britânica, sendo aceita por setores da elite brasileira, o que permitirá uma posterior consolidação da modalidade em território nacional.

Segundo a versão das fontes oficiais, como no antigo jornal da Associação Brasileira de Rugby<sup>26</sup>, o marco para a organização do *rugby* no Brasil é a chegada ao país do escocês Jimmy McIntyre, em 1924, que organiza o primeiro clube de *rugby* de São Paulo, no ano seguinte, juntamente com o aviador brasileiro de origem inglesa Gordon Fox Rule, citado como pioneiro pelo periódico.

Nasceu, assim, o São Paulo RFC, constituído, sobretudo, por britânicos. Nas palavras do próprio McIntyre, no entanto, “não podemos nos esquecer da contribuição dada por alguns sírios, alemães e franceses, que também faziam parte do time”. O clube não possuía ligações com o SPAC, de Miller, e iniciara suas atividades em um campo alugado atrás do Monumento do Ipiranga. O nascimento posterior do Britannia FC, fundado também por McIntyre e Rule, criou oposição local ao São Paulo RFC, com as partidas sendo disputadas no Parque Antártica e no campo de Pirituba da São Paulo Railway.

No Rio de Janeiro, o *rugby* também se reorganizou nos anos 1920, com a fundação do The Club, em 1925, incorporado ao Rio Cricket and Athletic Association, de Niterói, onde o rugby seria praticado ininterruptamente até 1975 (com exceção do período entre 1940-1945 devido à segunda guerra mundial), assim como em Santos no Santos Athletic Club, onde a prática da modalidade cessaria rapidamente, deixando de ser noticiada nas fontes analisadas a partir de 1927.

A entrada do *rugby* em um clube da colônia inglesa no Rio de Janeiro teve como paralelo a inserção do esporte em um clube da elite paulistana, a Associação Atlética das Palmeiras<sup>27</sup>, cujo campo se localizava na Chácara da Floresta (na Ponte Grande, local posteriormente ocupado pelo Clube de Regatas Tietê, que também era frequentado por britânicos), tendo incorporado o SPRFC, logo no início de suas atividades.

A data para a primeira partida oficial no Brasil reconhecida pela ABR é 1926, com a retomada das atividades em São Paulo, após um suposto hiato, com a realização de uma partida entre as representações de São Paulo e Santos, em 16 de maio<sup>28</sup>, seguida por uma partida entre as representações de São Paulo e Rio de Janeiro, no dia 23 do mesmo mês<sup>29</sup>, inaugurando a série de confrontos anuais entre os dois estados, com uma taça sendo colocada em disputa em 1927: a já extinta Taça Sir Beilby Alston<sup>30</sup>, doada pelo embaixador britânico, homenageado com o nome do troféu. A partir de 1926, o *rugby* passa a ter sua prática documentada sem intermitências, a não ser durante a Segunda Guerra Mundial, cujo período não conta com jogos de *rugby* documentados.

Em 1927, a presença do *rugby* no CA Paulistano já é noticiada<sup>31</sup> com sua equipe enfrentando a AA das Palmeiras, pela Taça Wilson no ano seguinte<sup>32</sup>. Porém, a ligação do *rugby* à AA das Palmeiras não durou, terminando pela descontinuidade das atividades do próprio clube, no momento da liberação do profissionalismo no futebol nos anos 30, o que levou a agremiação a adotar novamente seu antigo nome: São Paulo RFC. Em contrapartida, o

S. C. Germânia abriu uma seção do esporte em 1934<sup>33</sup>. Em 1933, o estatuto da Federação Brasileira de Futebol (FBF, que existiu entre 1915 e foi posteriormente absorvida pela CBD) previa que o *rugby* estivesse dentro de sua alçada: “Art. 1º - A Federação Brasileira de Futebol [...] suprema dirigente do futebol amador e profissional, e constituída por todas as Ligas ou Associações que em todo o território do Brasil dirijam de fato e eficientemente o futebol Association ou Rugby”

A atuação direta e efetiva da FBF sobre o *rugby*, no entanto, não foi averiguada em qualquer documentação consultada. O que parece ser um braço de sua influência, é a Liga de Amadores de Football de São Paulo, que através de um comunicado oficial de sua diretoria no jornal Correio Paulistano aponta como uma de suas deliberações:

Realizar no próximo [...] um festival sportivo em homenagem ao campeão veterano Juvenal Campos, constando de uma partida de Rugby entre as turmas do C. A. Paulistano e A. A. das Palmeiras e de uma partida principal entre um Seleccionado de jogadores de clubs da capital e outro de jogadores dos clubs de Santos, Campinas e Jundiahy<sup>34:13</sup>.

Não se sabe o quão influente nas tomadas de decisão e na organização de partidas de *rugby* a Liga de Amadores de Football era. Tudo leva a crer que sua ação era limitada, assim como a da FBF, sendo a prática do *rugby* algo organizado pela própria comunidade praticante.

Além das equipes já citadas outras se somariam. Uma delas é a equipe da Faculdade de Direito, que enfrentou o C. A. Paulistano em uma partida<sup>35</sup>. “No anno vindouro, já é possível instituir-se um campeonato de rugby em S. Paulo. Haverá quadros do C. A. Paulistano, Faculdade de Direito, A. A. das Palmeiras e, provavelmente, E. C. Germânia e Guarda Civil de S. Paulo. Esse esporte, como se vê, promete desenvolver-se bem entre nós.”<sup>36</sup>

A outra equipe apontada é a do Sport Club Corinthians Paulista, que tentou organizar uma time em 1929 “director sportivo de rugby pede, por nosso intermédio, [...] o comparecimento de todos os atletas [...] na praça de sports do Parque São Jorge, afim de se realizar um treino do sport acima [*rugby*]. Pede-se também o comparecimento dos sócios interessados”<sup>37</sup>.

Além dos duelos entre as seleções locais, o *rugby* nos anos 1930 contou com intensa atividade de jogos contra equipes visitantes estrangeiras, incluindo o segundo selecionado da África do Sul, o Junior Springboks (ou Gazelles), em 1932, no Rio de Janeiro, com vitória sul-africana por 73 x 0; e a seleção britânicas, os Lions, em Niterói, em 1936, em partida encerrada em 82 x 0. No período, entretanto, notória era a baixa adesão de brasileiros sem ascendência britânica ao *rugby*. Como o texto contido no programa do jogo de 1936 sugere:

Infelizmente até agora, o ruggar não é popular em geral entre nossos amigos brasileiros. Alguns dos clubes de futebol demonstraram interesse no jogo, e em várias ocasiões jogos exibição jogos entre Quinzes (outra forma de se referir ao jogo de rugby com quinze jogadores) Ingleses jogaram em campos brasileiros de futebol antes de importantes partidas, mas o jogo de rugby ainda não teve grande apelo [...] Um ou dois de nossos amigos brasileiros já estão jogando ruggar, e com mais alguns jovens ingleses chegando de casa recentemente, esperamos que mais brasileiros vão ingressar e em breve se tornarão tão proficientes quanto são com a bola redonda (Tradução livre).

E o mesmo autor, não identificado, ainda pontua que: “De tempos em tempos, partidas vem sendo jogadas com as colônias francesa e japonesa, mas infelizmente nenhum time regular vem sendo mantido”.

Vale destacar que durante esse período as partidas oficiais e os jogos de clubes ocupavam apenas uma parte da atividade dos praticantes, existindo muitos registros de jogos amistosos e partidas entre equipes não-oficiais, seguindo a lógica de uma modalidade não centralizada e gerida principalmente pelos praticantes. Nesse sentido podemos destacar uma série de amistosos realizados com relativa constância, como por exemplo “Brazilian vs The rest”<sup>38</sup> e “Paulista vs Ingleses”<sup>39</sup>, entre outros.

A centralidade dada a amistosos e partidas não oficiais pode ser entendida a partir das características próprias da modalidade. Enquanto o futebol rapidamente deixaria de lado os ideais amadores, com a profissionalizações já no final do século XIX, o *rugby* se prenderia mais fortemente a esses valores, a modalidade só deixaria de ser amadora oficialmente 1994<sup>11</sup>, nesse sentido a institucionalização é vista como uma forma de facilitar a prática e melhorar a experiência dos próprios jogadores, daí a pouca centralidade na criação de campeonatos oficiais.

O advento da segunda guerra irá atrair uma boa parte da comunidade inglesa de volta para a Europa, e mesmo os que não puderam se envolver diretamente no conflito irão dedicar boa parte de seu tempo ao esforço de guerra e ao envio de ajuda às tropas aliadas<sup>40</sup>. Mesmo conquistando uma pequena popularidade entre setores da elite brasileira a modalidade não conseguiu se sustentar, ao que tudo indica, sem o apoio da comunidade britânica

## Conclusões

Este artigo se iniciou com a frase “Rugby, isso ainda vai ser grande no Brasil”, uma alusão à manchete do Suplemento Esportivo de A Gazeta de 1929, contrapondo-se à ideia corrente que o *rugby* é um esporte de introdução recente no Brasil, uma moda passageira fruto dos novos meios de comunicação e de uma estratégia de *marketing* eficiente.

Procuramos demonstrar que, apesar da falta de conhecimento acerca da modalidade e a noção difundida que seria uma prática recente no Brasil, ela está presente em território nacional desde o século XIX, com destaque para os centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro, onde o *rugby* é praticado, de maneira quase ininterrupta, desde os anos 20.

A expansão do número de jogadores e as mais diversas ações adotadas para aumentar o conhecimento da sociedade sobre a prática da modalidade são tratadas, em geral, como inéditas pela imprensa e pelos próprios praticantes. Neste artigo sugerimos que, apesar dessa noção amplamente difundida, o *rugby* é uma modalidade praticada no país desde o século XIX, contando com uma base dedicada de praticantes que buscou, durante a maior parte do tempo, com maior ou menor sucesso, a difusão e o crescimento da prática do *rugby* em território nacional.

Nesse sentido, este artigo é uma tentativa de construir uma narrativa dos primeiros passos rumo à sistematização de uma história do *rugby* no Brasil, abordando neste primeiro momento apenas acontecimentos entre a introdução do esporte no país no século XIX e o início da Segunda Guerra Mundial, mostrando que apesar da falta de conhecimento da população em geral, e do reduzido número de praticante, há uma base de participantes sólida e engajada desde o início do século, sendo o conhecimento da história da modalidade um elemento importante para o seu crescimento e entendimento.

## Referências

1. O “rugby”, isso ainda vai ser grande no Brasil. A Gazeta. 1929/03/18; Rugby: p.1 (1).
2. Confederação Brasileira de Rugby [Internet], Sobre nós [acesso em 14 set 2016]. Disponível em <https://ww2.brasilrugby.com.br/pages/sobre-nos>

3. Biblioteca Nacional Digital [Internet], Buscas [acesso em 14 set 2016]. Disponível <http://hemerotecadigital.bn.br>
4. Giglio, SS, Spaggiari E. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História* 2010;163: 293-350.
5. O Estado de São Paulo [Internet]. Acervo [acesso em 14 set 2016]. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/>
6. Buarque de Hollanda BB, Melo VA. O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS; 2012. p.15.
7. Capelato MH, Prado MLC. O bravo matutino : imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo". São Paulo: Editora Alfa-Omega; 1980. p.19.
8. Luca TR. Indústria e Trabalho na História do Brasil. São Paulo: Editora Contexto; 2001.
9. Elias N, Dunning E. Quest for excitement: Sport and leisure in the civilizing process. Oxford: Blackwell; 1986.
10. Franco Júnior H. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
11. Richards H. A game for hooligans: The history of rugby union. Londres: Random House; 2011.
12. Bell E. Soft power and corporate imperialism: maintaining British influence. *Race & Class* 2016;57(4):75-86.
13. Collins T. A social history of English rugby union. Londres: Routledge; 2009.
14. Dine P. French rugby football: A cultural history. Oxford: Bloomsbury Publishing; 2001.
15. Greg R. Tackling Rugby Myths: Rugby and New Zealand Society, 1854-2004. Otago: Otago University Press; 2005.
16. Black D, Nauright J. Rugby and the South African nation: sport, cultures, politics, and power in the old and new South Africas. Manchester: Manchester University Press; 1998.
17. Vamplew W, Stoddart B, Jobling I. Sport in Australia: a social history. Cambridge: Cambridge University Press; 1994.
18. Mazzoni T. História do futebol brasileiro. São Paulo: Olympicus, 1950. p.19.
19. Rugby Football. S. Paulo Athletic Club v. S. Paulo Railway .The Rio News. 1898\08\02; Provincial Notes: p. 7 (2).
20. Gambeta W (Org.). Primeiros Passes: Documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens\Mário de Andrade; 2014. p.38.
21. The Paysandu Cricket Clube. *Jornal do Brasil*. 1911\07\16; Sport: p.14 (8)
22. Prado Júnior C. História Econômica do Brasil. 39. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense; 1992.
23. O "Rugby" no Amazonas. *A Rua*. 1916\08\10; *Vida ao Ar Livre*: p.3 (6) .
24. Lindacuttis, S. Foot-Ball. *Jornal do Recife*. 1905\07\18; *Gazetilha*, p.1 (9)
25. Sport Club Recife. *Jornal do Recife*. 1905\07\25; Sport: p.2 (7).
26. Com Macintyre, o primeiro time. *Jornal da Associação Brasileira de Rugby*. 03\1983, História: p.3 (1)
27. A implantação do rugby em São Paulo. *Folha da Manhã*. 1925\01\01; Rugby: p.7 (1)
28. To-Day's Rugby Match. *Folha de S. Paulo*. 1926\05\16; Rugby: p.9 (3)
29. Um interestadual Rio contra S. Paulo. *Folha da Manhã*. 1926\07\22; Rugby: p.5 (1)
30. Rio contra S. Paulo. *Folha da Manhã*. 1927\22\07 Rugby, p.5 (1)
31. O Paulistano vence o Palmeiras. *Folha da Manhã*. 1927\05\31; Rugby: p.4 (1)
32. C.A Paulistano vs A.A Palmeiras. *O Estado de São Paulo*. 1928\09\01; Esporte: p.10 (17)
33. Pelo Germania. *Folha da Manhã*. 1934\04\06; Rugby: p.10 (1)
34. A.A das Palmeiras. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26\08\1928, pg. 13(4)
35. C.A Paulistano vs Selecionado da Faculdade de Direito. *Correio Paulistano*. 1928\06\22; Football: p.8 (4).
36. Informes. *Diário Nacional*. 1928\09\25; *Correio Esportivo*: p.9 (7)
37. Sport Clube Corinthians Paulista. *Correio Paulistano*. 1929\10\26; Seção Esportiva: p.10 (8)
38. "Brazillian vs The rest" . *Folha da Noite*. 1926\06\10; Rugby: p.5 (1)
39. "Paulista vs Ingleses" *Folha da Noite*. 1929\03\14; Rugby: p.10 (1)

40. Mills JR. 1894-1994 Centenário Charles William Miller. São Paulo: Price Waterhouse, 1994.

Recebido em 23/09/16.

Revisado em 09/02/17.

Aceito em 06/04/17.

---

**Endereço para correspondência:** Diego Monteiro Gutierrez. Al Alemanha 170, Granja Vianna, SP, CEP 06355465. E-mail: [diegomonteirogutierrez@gmail.com](mailto:diegomonteirogutierrez@gmail.com)